

## **Festas e brincadeiras da região de Plataforma na perspectiva da História dos Saberes Psicológicos**

Celebrations and Plays from Plataforma region in the perspective of the History of the Psychological Knowledges

João Roberto Bizinelli Júnior; Marina Massimi

Universidade de São Paulo

---

### **RESUMO:**

Festas e brincadeiras são fenômenos culturais presentes em Plataforma, região do Recôncavo da Bahia. Os objetivos do estudo são recuperar a memória histórica relacionada às festas e brincadeiras de origem colonial na referida região e compreender a função formativa dessas práticas através de sua influência sobre o dinamismo psíquico dos participantes. O estudo se pauta na perspectiva dos saberes vigentes no tempo histórico em que tais práticas foram elaboradas e transmitidas. Através de fontes primárias do período colonial, como cartas jesuíticas, bem como de fontes secundárias, o resgate histórico feito proporcionou a obtenção de dados sobre festas e brincadeiras de Plataforma, como a Festa de São João e a corrida de Argolinha. Fica claro que a proposta destas práticas culturais era de comunicação e persuasão e, para tanto, visava atingir as potências psíquicas (sensações, sentidos e entendimentos) dos participantes através de uma construção que articulava retórica, saberes psicológicos e pedagogia.

**Palavras-chave:** festas; brincadeiras; práticas culturais; história dos saberes psicológicos

---

### **ABSTRACT:**

Celebrations and plays are cultural phenomenons presents at Plataforma, Recôncavo da Bahia region. The study objectives are to recover the historical memory related to celebrations and plays of colonial origin in that region and to understand the formative function of the practices through its influence over the psychic dynamism of the participants. The study is guided in perspective of the current knowledge of the historical time that such practices were elaborated and transmitted. Through primary fonts from colonial period, like Jesuit letters, and secondary fonts, the historical rescue made provided the achievement of data from celebrations and plays from Plataforma, like the São João Party and the Argolinha Race. It's clear that the purpose of these cultural practices were communication and persuasion and, for that, sought to aim the psychic potencies (sensations, senses and understandings) of the participants through a construction that articulated rhetoric, psychological knowledge and pedagogy.

**Key-words:** celebrations; plays; cultural practices; history of the psychological knowledges

---

## **Introdução**

Festas e brincadeiras são objetos de estudo que despertam o interesse de várias áreas do conhecimento: sociologia, antropologia, história e psicologia. Assim, para trabalhar com tais fenômenos, é necessário adotar uma determinada perspectiva para abordar as ditas práticas culturais e usá-la como base teórica, sem deixar de considerar a amplitude dos assuntos e suas diferentes abordagens.

Uma definição interessante de festa é apresentada por GUARINELLO em JANCÓS & KANTOR (2001:972):

Festa é sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

A festa é uma ação coletiva peculiar e faz parte do cotidiano de todas as sociedades humanas, entendendo o cotidiano como o tempo onde as relações sociais se concretizam e a festa como estrutura integrada e necessária a ele. Além disso, a festa é capaz de produzir identidade e tem um sentido que é constituído pelos participantes, determinando significados que são obtidos pelo envolvimento das pessoas (GUARINELLO em JANCÓS & KANTOR, 2001).

Assim como o termo “festa”, o termo “brincadeiras” também é muito amplo e abrange muitas concepções e definições. De acordo com CARVALHO (2009), as brincadeiras têm um aspecto histórico que abarca a tradição e a permanência cultural, além de representarem as formas de o ser humano (especialmente as crianças) compreender e apreender o mundo.

Segundo KISHIMOTO (2011), a brincadeira tradicional é expressa principalmente pela oralidade e incorpora a mentalidade popular. Ela é parte constituinte da cultura popular e abarca o espírito de um povo em um determinado período da história. Assim, a brincadeira se transforma de acordo com a passagem do tempo e assimila invenções de gerações que se sucedem.

Anonimato, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade, todas essas características são assumidas pelas brincadeiras tradicionais, que são capazes de permanecer com o tempo, devido à transmissão de conhecimentos empíricos e à memória coletiva (KISHIMOTO, 2011).

No Brasil, as brincadeiras fazem parte de um universo plural de atividades que vieram de várias partes do mundo e de atividades que já eram desenvolvidas pelos povos indígenas antes de seu território se tornar posse e colônia portuguesa. A forma de colonização sofrida, com a vinda de portugueses, escravos e posteriormente de imigrantes de vários países, justifica essa pluralidade (STRAUB, 2010).

Muitas brincadeiras tradicionais infantis brasileiras provêm de vestígios de romances, contos, rituais religiosos e místicos. Quando vieram ao Brasil, os colonizadores portugueses divulgaram canções de roda, advinhas, parlendas, histórias de fadas, bruxas, lobisomens, e jogos de bolinhas de gude, pião, amarelinha, pedrinhas (saquinhos), a pipa, entre outras brincadeiras tradicionais (BERNARDES, 2006).

A especificação da influência africana nas brincadeiras tradicionais, segundo BERNARDES (2006), é dificultada pela falta de documentação sobre os jogos das crianças negras no período colonial brasileiro. Porém, através da oralidade, contos, lendas, mitos e histórias da terra natal foram transmitidos das mães pretas para as crianças.

Brincadeiras tradicionais como a cama-de-gato, a peteca e a imitação de animais são parte da contribuição indígena para a pluralidade de brincadeiras presentes no Brasil. Mas apesar da convivência entre etnias diferentes no território brasileiro, pode-se perceber que a influência europeia portuguesa foi predominante nas brincadeiras das crianças brasileiras (BERNARDES, 2006).

Festas e brincadeiras são ações coletivas presentes em uma cultura e esta recebe grande atenção da psicologia e da história dos saberes psicológicos. Segundo BRUNER (apud MASSIMI et alii, 2012), a cultura tem grande importância para a constituição da psicologia, por fornecer sistemas simbólicos capazes de criar significados nas vivências das pessoas e influenciar seu dinamismo psíquico de diversas formas. Além disso, para o mesmo autor, a psicologia está mergulhada na cultura e, por isso, deve se organizar em torno dos processos de produção e de uso do significado que ligam o homem ao seu meio.

O que se entende por cultura? ARENDT (1954/2003) remete-se à etimologia latina da palavra, cuja raiz é o verbo *colere* que significa habitar, cuidar, criar e preservar. Portanto, cultura é originalmente associada às atividades de cultivo da terra. Cícero aplica o termo ao cuidado da alma, utilizando-se da expressão *excolere animum* ou *cultura animi*. Arendt (1954/2003) afirma que a cultura é gerada na medida em que “a vida humana como tal necessita de um lar sobre a terra durante sua estada aí” (p.

262). Este lar terreno se torna um mundo, “quando a totalidade das coisas fabricadas é organizada de modo a poder resistir ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam, sobrevivendo assim a elas. Somente quando essa sobrevivência é assegurada falamos de cultura” (p.262). Segundo GRYGIEL (2000), a cultura responde ao desafio de criar modalidades de o homem “morar naquilo que existe” (p. 28).

Cada cultura especificamente pode significar os fenômenos psicológicos à sua maneira. Por isso, não se deve ignorar concepções acerca de processos da psique que são diferentes da psicologia formal científica; afinal, as culturas constituem-se em acervos para o conhecimento psicológico. Assim, diante dessa necessidade de olhar a forma como determinada cultura vê o âmbito psicológico, existe a contribuição da história dos saberes psicológicos, que justamente estuda processos culturais onde se desenrolam modos de orientar, formar e promover o dinamismo psíquico (MASSIMI et al, 2012).

Segundo DE CERTEAU (*apud* MASSIMI et al, 2012: 115),

a cultura gera uma identidade, uma forma própria do sujeito se posicionar diante de si mesmo, dos outros, do mundo. O conhecimento histórico visa contribuir para que se mantenham vivos os vínculos com as raízes, não como uma forma de saudosismo, mas pelo fato de, ao manter vivos e atualizar os nexos com o passado, ter em vista o posicionamento da identidade no presente.

As considerações de De Certeau são pertinentes para o presente trabalho: já que festas e brincadeiras fazem parte da cultura de povos do mundo inteiro, pode-se dizer que elas também geram identidade e uma forma de o sujeito se posicionar diante de si mesmo, dos outros e do mundo. E o conhecimento histórico, próprio dessa pesquisa, visa atualizar, por meio das festas e brincadeiras, os nexos da região de Plataforma (e de seus habitantes) com o seu passado.

Plataforma, região localizada no Recôncavo Baiano (Salvador-BA), é um dos bairros mais antigos da capital soteropolitana e uma área cuja importância histórica e cultural brasileira é grande. Plataforma, na época da colonização, foi um lugar especial para a história brasileira, por agrupar jesuítas, escravos e indígenas, resultando em expressões culturais próprias, como festas e brincadeiras que se mantêm até hoje entre os habitantes do local (SANTOS, 2010). Ao buscar reconstruir a memória histórica desse lugar, não utilizamos a perspectiva tradicional da linearidade genealógica, e sim uma perspectiva inspirada em De Certeau, que prevê, num mesmo espaço, a presença de diversas “configurações das sobrevivências e das estratificações de sentido” (DOSSE, 2006: 217). Seguindo a intuição de De Certeau, LEPETIT (2013) propôs, nos anos

1990, uma nova modalidade de se fazer a história social, focada no estudo da singularidade dos lugares onde a reconstrução historiográfica evidencia a sedimentação de temporalidades folheadas, ou seja, a penetração de um mesmo lugar por temporalidades diferentes, instauradas a partir de acontecimentos significados e de práticas sociais realizadas pelos atores que ali vivenciaram. Lembramos que temporalidade significa a modalidade em que o tempo é vivenciado e significado pelos diversos atores sociais. Esta abordagem parte do pressuposto de que “o passado não é fechado, não é uma coisa morta a ser museografada, mas, pelo contrário, permanece sempre aberto a novas atribuições de sentido” (DOSSE, 2004: 217). Além do mais, implica a necessidade da interdisciplinaridade, pois esta reconstrução somente se torna possível pelo aporte de diversas ciências (história, antropologia, sociologia, psicologia, etc.).

Em Plataforma, um dos mais antigos bairros da cidade de Salvador, podemos reencontrar os traços de diversas temporalidades a partir dos acontecimentos de que esse lugar foi teatro e dos atores sociais que os protagonizaram: as raízes indígenas, já que neste local viveram diversas populações indígenas (sobretudo Tupinambás) e ocorreram acontecimentos que promoveram a mobilidade destas populações; a presença dos jesuítas, que ali chegaram e constituíram a Aldeia de São João, ressignificando espaços sagrados e profanos ali já presentes pela sua ação movida pelos objetivos missionários; a destruição da mesma aldeia em 1560 pela rebelião dos índios liderada pelo chefe Mirangoaba contra a imposição de Mém de Sá quanto à participação da expedição militar no Rio de Janeiro; a reconstrução iniciada em 1561 pelos jesuítas Gaspar Lourenço e Simeão Gonçalves de Santiago; a construção na aldeia do Engenho de São João, onde Vieira pregara seu primeiro sermão; sua denominação em 1624 de Aldeia do Espírito Santo na ocasião da invasão holandesa; a luta pela independência da Bahia da invasão holandesa em 1638; a construção da estrada de ferro Calçada-Paripe em 1875; a instalação de uma fábrica de tecido em 1886 e a presença de operários (Vila Operária) e de uma intensa produção fabril, junto com a construção da linha de trem e possivelmente também da balsa, semelhante a uma plataforma flutuante, que ligava a região ao bairro próximo da Ribeira; a desinstalação da fábrica nos anos cinquenta do século XX, levando ao empobrecimento dos operários que ali moravam, até alcançar a condição atual, marcada por favelização, migrações, tráfico e violência (ROCHA, 2012). Com efeito, se no passado colonial a região, com suas populações, teve destaque no protagonismo de importantes fatos históricos; e se no século XIX, a presença da

indústria têxtil e da estrada de ferro tornaram a região um dos centros da modernização econômica baiana, “na atualidade, o trem e o bairro deixaram de ser uma referência importante para a cidade, tornando-se símbolos de decadência física e de medo social, que se expressam na violência, no desemprego, na falta de infraestrutura, na precariedade de educação, saúde, lazer, etc.” (ROCHA, 2012:61). No presente, a consciência das experiências sociais valiosas do passado se expressa “em formas de comemorações realizadas no bairro, principalmente as festas populares, (...), as festas e as procissões, e também o carnaval” (ROCHA, 2012: 61).

Desse modo, posto que, como afirma Rocha (2012:52), “a cidade passa a significar o espaço (...) capaz de proporcionar transformações significativas no modo de viver das pessoas que fazem parte de uma mesma comunidade através das múltiplas relações que se estabelecem neste contexto”, o estudo das experiências humanas de sociabilidade, de entretenimento, de religiosidade, adquire uma grande relevância, inclusive em sua dimensão histórica e psicológica.

Portanto, a justificativa do estudo é que Plataforma, apesar da importância histórico-cultural que assinalamos, foi pouco estudada e merece atenção. A pesquisa visa dar essa atenção à região e entender aspectos relacionados às suas festas e brincadeiras histórico-tradicionais.

O presente trabalho pode, assim, potencialmente favorecer o crescimento das noções de pertença, raiz e identidade das pessoas de Plataforma, noções estas tão importantes pra transformar a realidade do local, marcada por dificuldades vinculadas à carência material/imaterial, violência e riscos, principalmente entre os jovens (SANTOS, 2010).

Para a justificativa deste trabalho também é de grande importância a contribuição de BARÓ (1998). Este autor afirma que por meio da recuperação e da preservação da memória, é possível, para o jovem, encontrar as raízes de sua identidade e interpretar o mundo de uma nova forma, dando um novo sentido à realidade presente e planejando seu futuro de maneira construtiva, longe da violência e perigos que tanto o prejudicam.

Existe no estudo, portanto, a motivação de que o conhecimento histórico é um instrumento bastante válido de transformação social. Assim, os objetivos da pesquisa são recuperar a memória histórica relacionada às festas e brincadeiras de origem

colonial na região de Plataforma e compreender a função formativa dessas práticas através de sua influência sobre o dinamismo psíquico dos participantes.

### **Método**

O método da pesquisa consistiu em coleta de informações por meio de fontes históricas primárias e secundárias, análise de conteúdo e síntese de dados. De início, a coleta de informações se deu por meio da leitura de fontes históricas primárias sobre festas e brincadeiras de Plataforma nos primeiros séculos do período colonial brasileiro (séculos XVI e XVII). Dentre as fontes primárias que foram estudadas estão: as coletâneas de cartas e fragmentos históricos dos jesuítas Manoel da Nóbrega (escritas entre 1517 e 1570); Azpilcueta Navarro e outros (escritas entre 1550 e 1568); as narrativas de Fernão Cardim (escritas de 1540 a 1625); as cartas de José de Anchieta (escritas entre 1534 e 1597) e a obra *A Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*, escrita em 1685 pelo jesuíta baiano Alexandre de Gusmão, fundador de um importante colégio em Cachoeira do Campo, no Recôncavo Baiano.

A seleção desses autores foi feita levando em conta que estiveram presentes e atuaram na Bahia e região de Plataforma no período colonial. As coletâneas foram completamente lidas a fim de encontrar cartas, textos ou trechos que tratassem de festas e brincadeiras na região de Plataforma no período colonial, e também do contexto regional. Da leitura das coletâneas dos autores mencionados foram encontradas 9 cartas relevantes que abordam o tema das festas e brincadeiras na região de Plataforma ou o contexto da região. Das 9 cartas, 1 delas está na coletânea de Cardim; 6 na de Navarro e 2 na de Anchieta. Nenhuma carta de Nobrega trata ou aborda o tema. Um capítulo do tratado de Gusmão também forneceu informações a respeito de brincadeiras locais. Portanto, foram objetos de estudo os trechos dessas 9 cartas e do capítulo de Gusmão.

Junto com a leitura das fontes primárias foi feita uma análise de conteúdo, que buscava saber quais festas e brincadeiras apareciam nos textos; de que forma elas apareciam levando em conta a sua descrição e qual o contexto da região em que apareciam. Após a análise de conteúdo foi possível fazer uma síntese de dados, que resultou na criação de 3 categorias de referência: Festas e brincadeiras específicas; Festas e brincadeiras gerais e Contexto da região. Na primeira categoria se encaixavam textos que tratassem de festas e/ou brincadeiras descritas de maneira mais detalhada ou que fossem mais especificadas. Na segunda categoria se encaixavam textos que tratassem de festas e/ou brincadeiras descritas de maneira menos precisa, ou que não

fossem especificadas. Na terceira categoria se encaixavam textos que tratassem da região de Plataforma no período colonial.

Por fim foi feita a leitura de fontes históricas secundárias que abordam as festas e brincadeiras coloniais na Bahia, incluindo a sua influência no dinamismo psíquico das pessoas que se envolveram com elas e o contexto sócio-histórico da região. Dentre as fontes históricas secundárias estão CASCUDO (1999, 1988), CONDE & MASSIMI (2008) e COUTO (1988), fontes essas referentes a festas e brincadeiras na tradição cultural luso-brasileira e que forneceram informações para enriquecer a compreensão dessas práticas culturais e religiosas na região atualmente chamada de Plataforma, no período colonial.

## **Resultados**

Descreveremos brevemente os textos lidos, os trechos relevantes para o nosso estudo e a organização destes com base nas categorias de referência (notas).

### **1ª fonte: Informação da missão do P. Christovão Gouvêa às partes do Brasil (CARDIM, 1980: 140-180)**

A primeira carta é uma narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica, que inclui batismos, casamentos, pregações, pelas capitânicas da Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, etc., desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o padre Cristóvão de Gouvêa na companhia de Fernão Cardim. Fernão escreveu em 1590 para o 1º Padre Provincial, da província do Brasil, mais especificamente da Bahia, para Portugal.

Nessa viagem, a Bahia e suas aldeias, principalmente a de São João (localizada em Plataforma segundo dados apresentados em outras cartas), são um cenário importante e por meio dos escritos de ação e missão jesuítica de Fernão Cardim foram encontrados trechos significativos para a pesquisa, por tratarem de festas e brincadeiras locais. Seguem os trechos (\*usamos a grafia original dos documentos escritos no idioma português antigo).

No primeiro trecho, acena-se a festas de recepção; sucessivamente a celebrações (chamadas de “festas espirituais”) de natureza religiosa (missa, batizados, casamentos); e finalmente, um jantar e as “suas festas”.

Desta aldeã fomos á de S. João, dali sete léguas, tornando a dar volta para o mar. É caminho de grandes campos e desertos; antes da aldeã uma grande légua vieram os índios principaes, os quaes revesando-se levaram o padre em uma rêde, e pelo caminho ser já breve, a cada passo se revesavam para que não ficasse algum deles sem levar o padre, e não cabiam de contentes tendo aquilo por grande honra e favor. Fomos recebidos com muitas festas, etc. Ao domingo seguinte baptisou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em ação de graça e deu a comunhão a 120. Houve missa cantada, pregação com muita solemnidade, e depois das festas espirituas tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas (CARDIM, 1980: 155).

Noutro trecho, Cardim se refere a três festas que eram celebradas pelos índios de modo efusivo: todas elas são festas da tradição cristã, possivelmente trazidas ao Brasil pelos portugueses e depois pelos jesuítas:

Tres festas celebram estes índios com grande alegria, applauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de S. João, porque suas aldeãs ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa de ramos, porque é cousa para ver, as palavras, flores e boninas que buscam, a festa com que os têm nas mãos ao officio, e procuram que lhes cáia água benta nos ramos. A terceira que mais que todos festejam, é dia de cinza, porque de ordinário nenhum falta, e do cabo do mundo vêm á cinza, e folgam que lhes ponham grande cruz na testa, e se acontece o padre não ir ás aldeãs, por não ficarem sem cinza elles a dão uns aos outros, como aconteceu a uma velha que, faltando o padre, convocou toda a aldeã á igreja e lhes deu a cinza, dizendo que assim faziam os Abarés<sup>1</sup>, sc. padres, e que não haviam de ficar em tal solemnidade sem cinza (CARDIM, 1980: 156).

Já no trecho a seguir, Cardim descreve as brincadeiras das crianças indígenas que envolvem forte interação com o ambiente natural; o ritual da saudação lagrimosa aos visitantes que lhes foi dispensado pela comunidade indígena da aldeia de São João, a celebração religiosa do dia dos Ramos e a festa das laranjadas, marcada por gestos de intercâmbio simbólico, modalidade de relação que Mauss assinalou como elemento fundamental de agregação e estreitamento de laços sociais nas sociedades indígenas (MASSIMI et al, 1997).

Ao dia seguinte fomos á aldeã de S. João, dahi meia légua por água por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos da aldeã tinham feito algumas ciladas no rio, as quaes faziam a nado, arrebrandando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas na n'agua a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras megulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Christo! – e vinham tomar a benção do padre, os principaes davam seu Eriupe<sup>2</sup>, pregando da vinha do padre com grande fervor. Chegámos á igreja acompanhados dos índios, e os meninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos...Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras fructas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dádivas, e tão liberaes que lhes parece que não fazem nada senão dão logo quanto

têm. E é grande injúria para elles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perús. Galinhas, leitões, papagaios, tuins raes, etc., aos pés do padre se tornam logo (CARDIM, 1980: 167).<sup>3</sup>

**2ª fonte: Carta XX – Letras quadrimestres de Setembro de 1556 a Janeiro, do Brasil, da Bahia do Salvador, para nosso Padre Ignacio (NAVARRO et al, 1988: 182-189)**

Nesta carta escrita pelo jesuíta Antonio Blasquez é apresentada parte dos sucessos e insucessos da doutrinação dos indígenas após a chegada de Manuel da Nóbrega, que é o Padre Provincial, na Bahia. No escrito há um destaque para o sucesso da doutrinação dos meninos mais novos principalmente na região da igreja do Rio Vermelho, próxima à Plataforma, que foi fundada depois da vinda de Nóbrega. O trecho abaixo evidencia esse sucesso e a função da prática das festas e brincadeiras nessa perspectiva, levando em conta o atrativo de grande força afetiva exercido por “músicas e cantares” junto à população indígena.

Logo se fez ao derredor da igreja, dizendo os meninos uma cantiga, e respondeu o outro côro com as frutas, cousa que parecia muito bem, maxime por ser entre estes Gentios<sup>1</sup>, que em extremo são affeiçoados á musica e cantares, e emtanto que os feiticeiros que entre elles chamam santos, usam desta manha quando lhes querem apanhar alguma cousa. A missa foi também cantada com ajuda de nossos devotos e dos meninos órfãos; a ela se acharam presentes muitos Gentios<sup>4</sup> que não pouco se maravilhavam desta novidade (NAVARRO et al, 1988: 185).

**3ª fonte: Carta XXVI – Traslado de outra da Bahia de 12 de Setembro de 1558 (NAVARRO et al, 1988: 229 – 232)**

Sem título nem nome do autor definidos e provavelmente enviada ao Padre Diogo Lainez (Padre Geral dos Jesuítas) segundo a nota da página 228 (NAVARRO, 1988), esta carta mostra a importância da atuação do terceiro Governador Geral, Mem de Sá, para a sujeição dos indígenas ao projeto de aculturação dos jesuítas, edificando aldeamentos e povoações que passaram a ter novos costumes por medo dos castigos de Mem de Sá. Dois exemplos da mudança de costumes são apresentados: um índio que se torna tecelão, abandonando o hábito de andar nu, e uma índia que opta pela castidade, mudando a forma de lidar com a sexualidade. Na carta também é apresentado um conflito com índios que não queriam mudar de costumes e que atacavam cristãos, cabendo a Mem de Sá entrar em guerra e acabar com eles, trazendo meninos e mulheres para os aldeamentos. Deve-se lembrar que justamente a rebelião ocorrida na aldeia contra o Mém de Sá liderada pelo chefe Mirangoaba, a que fizemos referência, fora desencadeada pela imposição feita pelo Governador de que aquelas tribos participassem

junto com o exército português da guerra contra os franceses comandados por Villegagnon, no Rio de Janeiro. Os trechos que foram extraídos desta carta são importantes para a pesquisa por trazerem a localização correspondente à atual região da Plataforma e seu contexto há quatrocentos e cinquenta anos atrás.

E assi já são feitas quatro povoações grandes antre elles, mas em sós duas residimos ao presente com igrejas feitas, por não sermos mais de três de missa nessa capitania, e estamos repartidos em estas três casas, scilicet: neste collegio da Bahia reside um só, que é o padre João Gonçalves com alguns Irmãos; o padre Nobrega em S. Paulo, e Antonio Pires em S. João; as outras duas povoações estão esperando por soccorro (NAVARRO et al, 1988: 229).

Nota 121: São Paulo, repetidamente, é aqui, e por mais algumas cartas, a grande aldeia que fundara para dentro do Rio Vermelho, em Brotas, a uma légua da Bahia, o Padre Antonio Rodrigues, na qual outras se sommaram, segundo o systema de Mem de Sá. São João era a cinco léguas da cidade, interior da Bahia, para os lados de Plataforma (NAVARRO et al, 1988: 232).<sup>5</sup>

**4ª fonte: Carta XXIX – Cópia de Uma do Padre Antonio Blasquez que escreveu da Bahia do Salvador a 10 de Setembro de 1559 para o Padre Geral, em Portugal (NAVARRO et al, 1988: 249-257)**

Esta carta trata das particularidades e dificuldades dos jesuítas na conversão dos índios, para a qual estão ocupados. Também apresenta a alegria dos clérigos de conseguirem batizar e casar os indígenas nos aldeamentos que Mem de Sá tanto defende. O trecho a seguir, que é uma nota do organizador do livro de coletânea das cartas, contribui para a pesquisa porque dá um pouco mais de detalhes sobre os aldeamentos que foram fundados na região de Plataforma, auxiliando o entendimento de seu contexto e localização no período colonial.

Nota 133: Convém attender a estes nomes das aldeias da Bahia “São Paulo”, “Espírito-Santo”, que se prestam a confusão. São Paulo era para dentro do Rio Vermelho, em Brotas, a uma légua da cidade; São Sebastião e outras menores fundaram-se perto de Pirajá, a três legoas da cidade, sob o nome de Sanct’Iago. São João, para o interior da Bahia, a cinco léguas, era dos lados de Plataforma; o Espírito-Santo, também aqui chamado repetidamente “Sanct-Spiritus”, no rio Joanne, a três léguas da Bahia, foi depois villa de Abrantes (NAVARRO et al, 1988: 257).<sup>6</sup>

**5ª fonte: Carta que escreveu o Padre Antonio Pires, do Brasil, para os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus em o mês de outubro de 1560 (NAVARRO et al, 1988: p. 300-306)**

Antônio Pires inicia e termina sua carta chamando atenção para a falta de operários e obreiros para a conversão dos indígenas. Mas o foco da carta é a vinda do

padre Luiz da Grã diretamente de S. Vicente para a Bahia. Antônio Pires conta sobre as visitas que fez junto com Luiz da Grã nos aldeamentos e povoações da Bahia. Há um destaque sobre a competência de Luiz da Grã na atração, doutrinação e conversão dos indígenas. O trecho a seguir traz aspectos de festas e brincadeiras na chegada de Luiz da Grã ao aldeamento de Espírito Santo, que fica próximo de Plataforma. Descreve-se uma festa de recepção com “folia de tamboris” da qual todos indistintamente participam: a tribo se dirige nas proximidades da aldeia para acolher os dois visitantes e depois os acompanham em cortejo até a casa onde ficarão hospedados.

“Daqui se foi a Sancti Spiritus que está seis leguas desta cidade onde o receberam os Principaes com muita gente com folia de tamboris e como lhe disserem todos grandes e pequenos: Louvado seja Jesus Christo, e vieram-no a receber com esta festa um grande pedaço de caminho e assi o foram festejando até á casa” (NAVARRO et al, 1988: 302).<sup>7</sup>

**6ª fonte: Carta LIII – Carta de Antonio Blasquez para o Padre Provincial de Portugal da Bahia de 30 de Maio de 1564 (NAVARRO et al, 1988: 430-443)**

Antonio Blasquez inicia sua carta falando sobre duas epidemias letais (malária e varíola) que atingiram os índios e mataram muitos deles, apesar dos cuidados espirituais e corporais dispensados pelos jesuítas. O escritor ressalta porém que, apesar da mortandade que acarretou grandes perdas numéricas na população, os jesuítas lograram o grande fruto missionário realizado com os que sobreviveram. O Padre Provincial visitou os aldeamentos de São João, Santo Antônio, Espírito Santo e Santiago e teve sucesso pelos batismos, confissões e casamentos que fez entre os índios. O Padre Provincial também se envolveu, juntamente com outros Padres (Antonio Blasquez inclusive), com a grande celebração do jubileu, que reuniu pessoas para se confessarem e tomarem o Santíssimo Sacramento no aldeamento do Espírito Santo, marcado por celebração e festas. Os trechos abaixo se referem à festas e brincadeiras que acompanharam o Padre Provincial em suas visitas e que têm bastante valor para a pesquisa. Por tratar-se de uma visita importante como era a do Provincial da Companhia, dá-se destaque às solenidades e pompa da festa. Dela participa um grupo vindo de outra aldeia (uma procissão de meninos liderada por um jesuíta que lá morava; sendo que os meninos usavam “grinaldas nas cabeças”). Relata-se também que os adultos, após a refeição, “correram a argolinha” e depois fizeram bailes e danças. A nota

do organizador da coletânea das cartas nos informa acerca do significado deste jogo: “Nota 215: Correram a argolinha. Folgado o desporto, ainda popular no interior do Brasil, como em Portugal e que consiste em tirar á ponta de lança a Cavallo disparado uma argolinha suspensa de um arco de folhagem” (NAVARRO et al, 1988: 442).

“D’esta povoação do Espirito-Santo partiu o Padre Provincial para Santiago, onde se fez a festa com mais solemnidade e aparato que nas outras aldêas. Veio o padre Antonio Rodrigues com todos os mínimos da sua aldêa em procissão, com suas grinaldas nas cabeças, que os moços sóem trazer nestas festas” (NAVARRO et al, 1988: 434).

“Alguns senhores, para regosijarem mais a festa, depois de comer correram a argolinha na aldêa e os Indios também fizeram os seus bailados e danças, todos e cada um á sua maneira, alegrando-se no Senhor.” (NAVARRO et al, 1988: 437).<sup>8</sup>

**7ª fonte: Carta LIV – Carta do Padre Antonio Blasquez do Colégio da Bahia de Todos os Santos do Brasil para Portugal e escrita a 13 de Setembro de 1564 (NAVARRO et al, 1988: 443-459)**

A carta apresenta duas celebrações de jubileu que ocorreram depois do jubileu do Espírito Santo, mencionado na 6ª carta. A primeira celebração apresentada é a do jubileu de S. Paulo, que contou com a presença do Bispo entre todos e que foi um sucesso no sentido de mobilizar as pessoas para as confissões e recebimento do Santíssimo Sacramento. A segunda é a do S. Iago, que contou com a participação do Padre Provincial. Os trechos a seguir representam parte das festas e brincadeiras que aconteceram nesses jubileus.

“Toda esta noite, não só da parte dos Indios, com seus bailes e dansas, como da dos Brancos, com seu tambor e folia, se passou festejando a festa com muito prazer e regosijo” (NAVARRO et al, 1988: 446).

“Finalmente, no meio desta procissão iam danças, tambor, com sua bandeira, folia, não só da parte dos Indios como dos Christãos, que não pouco regozijavam e alegravam a festa. Com esta ordem e concerto se deu uma volta pela aldêa com grande satisfação de todos” (NAVARRO et al, 1988: 452).<sup>9</sup>

Repare-se que aqui há mais uma descrição de elementos importantes das festas nas aldeias: a procissão é entremeada por danças, tambores, folia e a presença da bandeira; elementos todos presentes ainda hoje nas tradições religiosas e lúdicas brasileiras.

**8ª fonte: Carta XI: Ao Padre Geral, de São Vicente, a 1 de Junho de 1560 (ANCHIETA, 1988: 154-174)**

Escrita por José de Anchieta do Colégio da Ilha de São Vicente, a carta apresenta os desafios e dificuldades na conversão dos índios de São Vicente, principalmente de Piratininga, localizada no interior do seu território. Exemplos particulares são destacados para mostrar esses desafios e dificuldades na conversão, que segundo o autor seriam menores se houvesse em São Vicente sujeição dos índios em aldeamentos, como aconteceu na Bahia através de Mem de Sá, o Governador da época. O trecho abaixo é uma nota da carta que fala sobre a ação de Mem de Sá na Bahia que resultou na formação e desenvolvimento dos aldeamentos jesuíticos. A informação contida na nota do organizador da coletânea é importante para a pesquisa porque fornece dados referentes ao contexto histórico da região de Plataforma.

Nota 170: Em 1558, logo depois de tomar posse do governo, Mem de Sá, a conselho de Nóbrega, para estabelecer a paz entre os Índios da Baía e facilitar a sua catequese, promulgou três leis, “sob graves penas”: “Primeira, que nenhum de nossos confederados ousasse dali em diante comer carne humana. Segunda, que não fizesse guerra, senão com causa justa, aprovada por ele e os de seu conselho. Terceira, que se juntassem em povoações grandes, em fôrma de repúblicas, levantassem nelas igrejas, a que acudissem os já cristãos a cumprir com as obrigações de seu estado, e os catecúmenos á doutrina da Fé; fazendo casas aos Padres da Companhia pera que residissem entre eles, a fim da instrução dos que quisessem converter-se. Assim, foram fundadas quatro poderosas aldeias: São Paulo, São Tiago, São João e Espírito Santo (ANCHIETA, 1988: 171).<sup>10</sup>

**9ª fonte: Carta XXXII: Informação da Província do Brasil para nosso Padre – 1585 (ANCHIETA, 1988: 417-455)**

A carta de Anchieta fornece informações gerais sobre a Província do Brasil. Começa rapidamente dizendo que os jesuítas vieram para a Província por mandado do rei Dom João, acompanhados por Tomé de Sousa, o primeiro Governador Geral a partir de 1549, cujo mandado era de colonizar o território da Terra de Santa Cruz. Relata que na Província tem oito casas: Em Pernambuco um colégio; na Bahia colégio, escola e noviciado; nos Ilhéus, uma casa; em Porto Seguro, uma casa; no Espírito Santo, uma casa; no Rio de Janeiro, um colégio; em S. Vicente, uma casa; em Piratininga, uma casa. Depois de falar sobre as casas, Anchieta relata de forma mais detalhadas a presença dos jesuítas nesses locais de atuação. Em seguida escreve sobre o clima, a fauna e flora do Brasil, além das possibilidades de alimentação e vestimenta na Província. Encerra seu texto falando de forma geral sobre os índios, seus hábitos e

costumes e sobre a conversão deles. O trecho abaixo foi retirado da parte em que Anchieta descreve a Bahia, mais especificamente os aldeamentos e aspectos de festas e brincadeiras que se fazem presentes neles, tendo importância para a pesquisa. Com efeito, Anchieta relata nas “festas” dos meninos índios a presença conjunta de elementos da tradição lúdica portuguesa (“fazem suas danças à portuguesa com tamborins e violas, com muita graça como se fossem meninos portugueses”) e de elementos da tradição lúdica indígena (“e quando fazem estas danças põem uns diademas na cabeça de penas de pássaros de várias cores e desta sorte fazem também os arcos, empenam e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes, a seu modo fazem suas festas muito aprazíveis”). A partir da observação destas práticas, Anchieta traz a conclusão de que esses meninos “são já feitos homens políticos e cristãos”. Isso ressalta a importância da prática da festa como significativo aspecto de aculturação no plano jesuíta de cristianização dos nativos.

Tem êste Colegio três aldeias de Indios cristãos livres a seu cargo, que terão duas mil e quinhentas pessoas, scilicet: Espirito Santo que dista sete leguas daqui, S. João que dista oito e Santo Antonio que dista quatorze; nelas residem de ordinário até oito dos nossos, dous ou quatro em cada uma. Tem nelas suas casinhas, cobertas de palmas, bem acomodadas e igrejas capazes, onde ensinam aos Indios as cousas necessarias á sua salvação, lhes dizem missa e ensinam a doutrina cristã duas vezes cada dia, e também em cada uma ensinam aos filhos dos Indios a ler, escrever, contar e falar português, que aprendem bem e falam com graça, ajudar as missas, e desta maneira os fazem polidos e homens. Em uma delas lhes ensinam a cantar e tem seu côro de canto e flautas para suas festas, e fazem suas dansas á portuguesa com tamboris e violas, com muita graça, como se fossem meninos portugueses, e quando fazem estas danças põem uns diademas na cabeça de penas de pássaros de várias côres, e desta sorte fazem tambem os arcos, empenam e pintam o corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo fazem suas festas muito aprazíveis, que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indômita e Barbara, mas, pela bondade divina e diligência dos nossos, feitos já homens políticos e cristãos (ANCHIETA, 1988: 424).<sup>11</sup>

**10ª fonte: A arte de criar bem os filhos na idade da puerícia: Capítulo XXIV – Dos jogos e brincos dos meninos (GUSMÃO, 1685: 366-376)**

A obra de Gusmão é um tratado pedagógico de 1685, escrito na Bahia, que tinha como objetivo ser um guia destinado aos pais e mestres para a educação de seus filhos e alunos, abrangendo vários aspectos de sua instrução. O jesuíta Alexandre de Gusmão desempenhou importantes funções na Companhia de Jesus, dentre elas a de Padre Provincial, mas, sobretudo, é lembrado pela fundação e direção do Seminário do Menino Jesus de Belém em Cachoeira do Campo, no Recôncavo Baiano, e pela escrita de várias obras dentre as quais História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito (1682), uma novela alegórica com significativa função pedagógica e persuasiva,

verdadeiro compêndio dos saberes psicológicos e antropológicos da Companhia de Jesus da época (Massimi et alii, 2012). Na Arte de criar bem os filhos, há um capítulo que aborda especialmente as brincadeiras que devem ser incentivadas aos filhos e o trecho abaixo trata exatamente dessas e se torna relevante para o estudo:

“Os jogos, pois, que os pais podem permitir aos filhos, são os honestos, que são próprios daquela idade, como são o jogo do aro, da pela, do peão, e outros que eles trazem nos seus annaes; são fora de toda suspeita, antes indício de boa inclinação o fazer” (GUSMÃO, 1685: 368)<sup>12</sup>

Aqui Gusmão indica os jogos com valor educativo e que, portanto, poderiam ser permitidos: “o jogo do aro, o jogo da pela, o jogo do peão”.

### **Discussão**

A partir dos dados obtidos é possível dizer que as festas e brincadeiras encontradas e mencionadas nos textos são importantes práticas instrumentais ao objetivo dos jesuítas de cristianização dos indígenas.

A cristianização dos indígenas foi a meta dos jesuítas desde sua chegada ao território brasileiro no ano de 1549, juntamente com o primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa. Nessa perspectiva, práticas culturais dos indígenas como a antropofagia, poligamia, feitiçaria e nomadismo deveriam ser abolidas, segundo os jesuítas. Criar no Novo Mundo um ambiente em que a doutrina cristã imperasse e moldasse hábitos e condutas era o objetivo dos jesuítas. Nas primeiras décadas de sua presença no país, os missionários buscaram mudar os hábitos dos indígenas e sujeitá-los ao Evangelho somente pelo método da persuasão, que foi insuficiente. Apesar de muitos índios aderirem à religião cristã, parte deles não conseguia deixar os costumes considerados impróprios. Desse modo, os jesuítas buscaram a colaboração das autoridades coloniais, as quais tentaram impor com a força as referidas mudanças. Uma figura de destaque entre essas autoridades foi Mem de Sá (COUTO, 1998). Mem de Sá foi o terceiro Governador-Geral e proporcionou a criação e o desenvolvimento dos aldeamentos da Bahia, que consistiram em uma forma de organização social de indígenas em que a doutrina cristã se fez presente por meio da pregação e conversão, ou seja, ambientes propícios para a aculturação e evangelização dos nativos através de um ou dois jesuítas responsáveis. Os indígenas dos aldeamentos eram proibidos de comer carne humana, de guerrear sem licença do governador e de ter mais de uma mulher.

Tinham que usar vestimenta (pelo menos os nativos já cristãos), eliminar os feiticeiros e cultivar a terra. Nos aldeamentos o nomadismo dos nativos foi substituído pelo sedentarismo (COUTO, 1998).

As cartas apresentadas relatam acerca das festas, das brincadeiras e da região que correspondia à atual Plataforma nesse contexto histórico dos aldeamentos. Festas e brincadeiras aparecem predominantemente associadas a alguma cerimônia religiosa e de alguma forma elas contribuem para a conversão dos indígenas. Como apontado por COUTO (1988), quando os jesuítas perceberam o quanto os nativos ficavam fascinados com os cantos e música litúrgica, passaram a utilizá-los nas tarefas pastorais. Festas e brincadeiras, que incluem cantos e músicas, são também reconhecidas como importantes recursos para captar o interesse e o envolvimento dos indígenas e aproximá-los da experiência religiosa, como foi mostrado nos trechos das cartas estudadas.

As festas e brincadeiras da segunda metade do séc. XVI, na região de Plataforma, acompanham ou fazem parte do fenômeno religioso promovido pelos jesuítas entre os índios no território brasileiro, mais especificamente no território baiano. Pode-se dizer que elas também tinham um objetivo participativo e persuasivo. De acordo com CONDE & MASSIMI (2008), as práticas culturais das festas e brincadeiras propostas pelos jesuítas tinham o objetivo de promover o processo de formação da sociedade colonial, que abrangia índios, portugueses e africanos, formando o chamado “corpo social cristão”. Tais práticas respondiam a esse objetivo na medida em que logravam a participação das pessoas através da mobilização do dinamismo psíquico dos envolvidos. Tratava-se, com efeito, de práticas voltadas a promover processos comunicativos e persuasivos, construídas a partir de saberes que articulavam psicologia filosófica e retórica, difundidas na tradição ocidental e apropriadas pelos jesuítas tendo em vista o fim evangelizador.

Assim, as festas e brincadeiras do período colonial favoreciam a persuasão, a modificação de condutas e promoviam a adesão das pessoas ao modelo cultural proposto pelos missionários. Isso fica claro através das informações encontradas sobre a região de Plataforma. Trechos como “não cabiam de contente” e “afeição extrema a músicas e cantares” revelam a importância e a atenção dispensada pelos narradores quanto ao grau de envolvimento emocional dos moradores das aldeias nas festas e brincadeiras promovidas. Talvez o maior exemplo encontrado desse envolvimento seja o que aconteceu na festa do dia de Cinza, em que a solenidade ocorreu mesmo na ausência de um sacerdote jesuíta, com a participação apenas dos índios. Segundo os

preceitos da retórica clássica interpretada na perspectiva cristã a partir de Agostinho de Hipona, os processos comunicativos pelas palavras, pelas imagens, pelos gestos, visam deleitar, mover, convencer através do entendimento os destinatários. O deleite vivenciado pelos sentidos move os afetos, mobilizando o interesse, a atenção e o conhecimento. Disto decorre a importância do envolvimento emocional observado pelos autores das cartas. (MASSIMI, 2005).

Coloca-se assim a questão: de que modo as festas do período colonial mobilizavam o dinamismo psíquico dos participantes? Segundo CONDE & MASSIMI (2008), a festa é a construção de um universo representativo que se utiliza de recursos próprios da arte retórica, capazes de aguçar as potências psíquicas do ser humano, visando a comunicação persuasiva: sensações, emoções e entendimento. Estas potências psíquicas estão tematizadas na concepção psicológica (ou saber psicológico) aristotélica-tomista, a qual os jesuítas se apoiavam, concepção esta que postula a existência de três dimensões da alma humana: dimensão vegetativa, sensitiva e racional. A ação das festas e brincadeiras atinge, dessa forma, todas as potências psíquicas da alma humana. Sensações, afetos, entendimentos e motivações são despertados e provocados, e são eles que mantêm a força mobilizadora das festas e brincadeiras.

Ao analisar as festas e brincadeiras encontradas e suas respectivas descrições é possível identificar o quanto as sensações e os sentidos estão envolvidos nelas e o quanto se revelam importantes para a criação de significados e entendimentos que fazem com que a festa ou brincadeira se mantenha e se perpetue. Predominantemente nos textos estudados encontram-se entre as pessoas participantes sensações e sentidos de prazer, alegria e maravilha com a festividade e com o jogo.

Vejamos mais em detalhe de que modo se dá o envolvimento sensorial dos participantes. O sentido da visão se mostra bastante importante se levarmos em conta o quanto as luzes têm um poder de fascinação. Na festa de S. João as aldeias ardem em fogo por causa das fogueiras, elementos que trazem consigo a luz que encanta e mobiliza as pessoas a pularem-na. A audição é o sentido que se evidencia mais presente nos relatos de festas e brincadeiras de Plataforma. Assim como a luz, o som, ligado à música, têm o poder de unir as pessoas e fazê-las se envolver com a prática cultural ou religiosa proposta. Os instrumentos da flauta, tamborim e viola, além das cantigas e cantares, são elementos que aparecem e ajudam a comprovar a relevância do som na mobilização das pessoas, que por terem “afeição extrema a música e cantares” se

envolvem intensamente. Também pode-se considerar a importância dos sentidos do paladar, olfato e do tato nas festas e brincadeiras. A festa das laranjadas, que segundo o trecho foi seguida de um banquete (com perus, galinhas, leitões etc) aparece para destacar o aspecto do paladar e do olfato, enquanto as danças, bailados, corrida de argolinha, jogos na água, da pela, do aro e o peão aparecem mostrando a importância do corpo e do tato para as festividades e brincadeiras. Assim, os resultados encontrados reforçam o quanto as festas e brincadeiras influenciam o dinamismo psíquico e aguçam as potências psíquicas promovendo um processo comunicativo e persuasivo. Sensações de prazer, alegria e encanto são despertadas à medida que sentidos diversos são explorados, gerando entendimentos e posicionamentos nas pessoas que participam desses fenômenos culturais.

Outro aspecto das festas e brincadeiras encontradas que é importante considerar é a sua presença em outros contextos além dos séculos XVI e XVII e da região de Plataforma. Por meio dos escritos de fontes secundárias foi possível obter informações novas e até complementares sobre alguns fenômenos culturais estudados, que se fizeram presentes em outros tempos e outros lugares do Brasil.

Por exemplo, em relação ao tamborim, o Dicionário do Folclore Brasileiro de CASCUDO (1988) traz a informação de que se trata de um tambor pequeno de fácil execução e construção, que junto com a gaita de sopro foi um dos primeiros instrumentos europeus vindos para o Brasil. Há relatos do tamborim encantando os índios tupiniquins desde o início da colonização. Sobre o fenômeno da corrida de argolinha, o Dicionário acrescenta que é um jogo de competição europeu que surgiu na Idade Média e que se fez presente em Portugal. Com a colonização, o jogo foi trazido para o Brasil e desde o século XVI a prática ocorre no país. O Dicionário traz um relato de meados do séc XIX do Ministro Francisco de Paula Ferreira de Resende sobre um jogo de argolinha que presenciou em Queluz (MG).

Na Antologia do Folclore Brasileiro de CASCUDO (1999) há um relato de um viajante francês chamado Francis Castelnau, que esteve no Brasil no séc XIX e também presenciou o jogo da argolinha e o descreveu. A descrição do autor sobre a brincadeira e sua lógica é muito semelhante ao que foi encontrado na carta do séc XVI de Antonio Blasquez (6ª carta dos Resultados), mostrando que o jogo foi preservado e esteve presente em outros momentos e locais do país. A Antologia também contribui com informações acerca da festa de São João. Cascudo traz relatos de dois autores, um estrangeiro viajante e outro brasileiro, que participaram e descreveram a festa de São

João no séc XIX em lugares diferentes. O primeiro, Francis Burton, em visita ao Brasil, presenciou as fogueiras de São João em Minas Gerais e relatou outros costumes da festa além do que aparece na carta de Fernão Cardim (1ª carta dos Resultados), como as simpatias para casamento, cantigas a São João e foguetes que são atirados para celebrar o santo. O segundo, Pereira da Costa, relata a mesma festa em Pernambuco, seu estado natal, também trazendo informações sobre os costumes da festa e enfatizando que segundo a credence popular as fogueiras “tem várias virtudes: são um oráculo...as suas brasas não queimam...são sagradas!” (p. 318). Essa observação acerca do lado sagrado das fogueiras da festa comprova a importância atribuída ao elemento fogo e sua luz para influenciar o dinamismo psíquico das pessoas e aguçar suas potências psíquicas, ou seja, suas sensações, afetos, entendimentos e motivações.

### **Considerações Finais**

Para concluir é importante destacar que as festas e brincadeiras da região de Plataforma encontradas e recuperadas através de textos do período colonial, confirmando o que é dito por BRUNER (MASSIMI et alii, 2012), forneceram sistemas simbólicos capazes de criar significados nas vivências das pessoas da época. Segundo o saber psicológico aristotélico-tomista, no qual a ação evangelizadora jesuítica se apoia, as vivências das pessoas ganham significado à medida que entendimentos são produzidos, sentidos são provocados e sensações e afetos são despertados. Afetos de alegria e prazer estiveram ligados a sensações envolvendo os sentidos da visão, audição, paladar, olfato e tato; a mobilização deste dinamismo contribuiu para a formação de entendimentos e motivações destinados a valorizar a importância das festas e brincadeiras para o corpo pessoal, social, religioso e político.

E foi isso o que possivelmente ocorreu nas festas e brincadeiras de Plataforma, permitindo vivências significativas, cuja memória ainda perdura. O fato de que em alguns casos tais práticas culturais foram transmitidas pelas gerações e são realizadas no presente, aponta para a existência de uma significativa continuidade que certamente pode contribuir para fortalecer a identidade daquela comunidade hoje e constituir-se num recurso importante de seu patrimônio sociocultural. Desse modo, esperamos que o resgate histórico aqui realizado acerca de alguns aspectos de uma das camadas que integram as múltiplas temporalidades constitutivas daquele espaço, atualmente periferia de Salvador, possibilite

uma melhor compreensão e preservação do seu valor histórico, social e religioso; e sobretudo, uma melhoria da experiência humana e social que ali se vive.

## Referências

- ANCHIETA, José. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- ARENDETT, H. *Entre o passado e o futuro*. (quinta edição; M. W. Barbosa, trad.). São Paulo: Perspectiva, 2003. (Publicação original de 1954).
- BARÓ, Ignacio. Rumo a uma Psicologia da Libertação (P. R. A. Pacheco, trad.). Em Ignacio Martín Baró. *Psicologia de La Liberación*, 283-302. Valladolid: Editorial Trotta, 1998.
- BERNARDES, Elizabeth. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. *Cadernos de História da Educação* (UFU), vol. 4, p. 45-54, 2006
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. / Fernão Cardim; [Introdução de Rodolfo Garcia]. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980
- CARVALHO, Levindo. Infância, brincadeira e cultura. *Horizontes*, vol. 27, nº 2, 1999.
- CASCUDO, Luís. *Antologia do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Global, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1982.
- CONDE, Renata.; MASSIMI, Marina. Corpos, sentidos e coreografias: narrativas de uma festividade na Bahia do século XVIII. *Psicologia em Revista*, vol 14, 215-234, 2008.
- COUTO, Jorge. *A Construção do Brasil*. Lisboa: Edições Cosmos, 1988.
- DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2004.
- GRYGIEL, S. L'uscita dalla caverna e la salita al monte Moria: saggio su cultura e civiltà. *Il nuovo Aeropago*, 2000. 19, (2-3) (nuova serie), 25-61.
- GUSMÃO, Alexandre. *A Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Editora: Martins Editora, 1685.
- JANCSÓ, István.; KANTOR, Iris. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, volume II. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko (org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- LEPETIT, Bernard. (org). *Les formes de l'expérience. Une autre histoire sociale*. Paris: Albin Michel, 2013.

- MASSIMI, Marina (et al). *História do predestinado Peregrino e de seu Irmão Precito*. São Paulo: Loyola, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia, Cultura e História: Perspectivas em diálogo*. Rio de Janeiro: Editora Outras Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Navegadores, colonos e missionários na Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Loyola, 1997.
- NAVARRO, João et al. *Cartas avulsas, 1550-1568*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- NOBREGA, Manoel. *Cartas do Brasil, 1549-1560/ Manoel da Nóbrega*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- ROCHA, Luís. Salvador, espaço de reprodução da “globalização perversa”: Plataforma no centro do debate da cidade (in)visível. *Diálogos possíveis*, n. 4, 2014.
- SANTOS, José. *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- STRAUB, José. *Infâncias e brincadeiras: culturas que governam*. Cáceres (MT): Editora Unemat, 2010.

João Roberto Bizinelli Júnior é graduando do Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto.

E-mail: [joaobizinelli@hotmail.com](mailto:joaobizinelli@hotmail.com)

Marina Massimi é professora titular do Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – Campus de Ribeirão Preto.

Email: [mmassimi3@yahoo.com](mailto:mmassimi3@yahoo.com)

---

<sup>1</sup> Forma como os índios se referiam aos padres nos aldeamentos

<sup>2</sup> Saudação indígena.

<sup>3</sup> A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Cardim é possível organizar seu conteúdo nas categorias de referência que acima definimos: *Festas e brincadeiras específicas* e *Festas e brincadeiras gerais*. Aparecem, nos trechos, festas e brincadeiras descritas de maneira mais e menos densa, com maior e menor especificação. Dentre as festas e brincadeiras descritas de maneira mais especificada estão: a *feira de São João*; *feira de Ramos*; *feira de Cinza* e *feira das laranjadas*. Dentre as festas e brincadeiras descritas de maneira menos especificada estão: as *festas* (termo que aparece sem complementação); *festas espirituais* e *jogos e festas na água*.

<sup>4</sup> Forma como os indígenas eram chamados pelos jesuítas.

<sup>5</sup> A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de autor indefinido é possível inserir seu conteúdo na categoria de referência *Contexto da região*. A carta contribui para a compreensão do que era Plataforma na época, que no caso, resgatando sua história, era local de aldeamentos jesuítas, com destaque para a aldeia de S. João.

<sup>6</sup> 4ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Blasquez é possível encaixar seu conteúdo na categoria de referência *Contexto da região*. A carta amplia o

conhecimento a respeito do contexto da região de Plataforma, trazendo os aldeamentos jesuítcos e suas localizações.

<sup>7</sup> 5ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Antonio Pires é possível colocar seu conteúdo nas categorias de referência *Festas e brincadeiras específicas*, por apresentar a *feira da folia de tamboris*, especificando um tipo de instrumento musical utilizado.

<sup>8</sup> 6ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Blasquez é possível encaixar seu conteúdo nas categorias de referência *Festas e brincadeiras específicas* e *Festas e brincadeiras gerais*. Na primeira categoria de referência encontra-se a *corrida de argolinha*, jogo que foi explicado e especificado na própria carta. Dentre as festas e brincadeiras descritas de maneira menos especificada estão as *festas, bailados e danças*

<sup>9</sup> 7ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Blasquez é possível encaixar seu conteúdo nas categorias de referência *Festas e brincadeiras específicas* e *Festas e brincadeiras gerais*. Na primeira categoria de referência encontra-se o *tambor*. Dentre as festas e brincadeiras descritas de maneira menos especificada estão as *festas, folias e danças*.

<sup>10</sup> 8ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Anchieta é possível encaixar seu conteúdo na categoria de referência *Contexto da região*. A carta contribui para a compreensão de como ocorreu a fundação dos aldeamentos jesuítcos que correspondem à região de Plataforma no período colonial.

<sup>11</sup> 9ª fonte: A partir da leitura e análise dos trechos relevantes da carta de Anchieta é possível encaixar seu conteúdo nas categorias de referência *Festas e brincadeiras específicas* e *Festas e brincadeiras gerais*. Na primeira categoria de referência encontra-se a *flauta, tamborim e violas*. Dentre as festas e brincadeiras descritas de maneira menos especificada estão as *festas, canto e dança*.

<sup>12</sup> 10ª fonte: A partir da leitura e análise do trecho relevante do capítulo de Gusmão é possível encaixar seu conteúdo na categoria de referência *Festas e brincadeiras específicas*. *Jogo do aro; jogo da pela e jogo do peão* são brincadeiras descritas de maneira mais especificada e fazem parte do contexto baiano do período colonial.